

ARTIGO

O DIABO ESTÁ NU

Para a revista iDeia

1º. semestre de 2012

abril de 2012

Há quem diga que a humanidade prospera graças à loucura. Líderes “maníaco-depressivos” seriam mais capazes de unir os povos para construir um futuro. A depressão faria os líderes empáticos aos dramas da vida do povo. A mania faria o líder ter um fluxo intenso de idéias e cultivar utopias, incitando as pessoas ao trabalho dedicado. Falar assim é de uma psiquiatria simplista e ultrapassada. No entanto, o livro de Nassir Ghaemi, formado em Harvard, “A first-rate madness” – “Uma loucura de primeira linha”, circula desde 2011 pelo planeta e recebe créditos.

Gostamos de pensar que a criação e a transformação tenham uma raiz no tormento e na insanidade. Rondam-nos historietas sobre a agressividade profissional de Steve Jobs, de Anna Wintour, de diretores de teatro e cinema, de publicitários do horário nobre, com sua magia fazedora de vendas. Talvez ainda sejamos um pouco medievais. Ou desconfiamos dos benefícios da normalidade.

Qualquer pessoa mais vivida sabe que as reviravoltas políticas e tecnológicas andam juntas, e mexem nos costumes, deixando nas ruas uma sensação de anormalidade. A cada avanço, temos menos certeza do que pensar, de quem ouvir, em quê trabalhar.

O mundo normal tem divisões estáveis por geografia, classes, línguas, culturas, tribos, funções. O fato extraordinário é que nos comove a reimaginar a vida e ser receptivo à visão do outro. O que une a humanidade, afinal, é a anormalidade.

Mas a anormalidade que agrega os povos e os põe a criar o futuro, *data venia*, Ghaemi, não precisa ser entendida em termos psiquiátricos. Só uma sociedade que sobrevaloriza o indivíduo imagina que a criação e o tormento são obras da personalidade de alguém. É ao mesmo tempo romântico e moderno, típico dos séculos 18, 19, e início do 20, falar em dom pessoal, em artista e gênio criativo. Idéias de um tempo que está ficando para trás.

O criador já foi considerado especial e, por isso, solitário. O corpo consumido no ato criativo era frágil e adoeceia. O criador era adulado, temido, protegido. Tuberculoso, alcoólatra, intratável, caprichoso, sensível, elevado em sensualidade, incontido em relacionamentos, infinito em amor. A doença e o sofrimento eram quase os únicos aspectos que o aproximavam dos mortais. Afora isso, era comum o descaso completo do criador com os problemas da vida e do cotidiano de todos: ele não ouvia ninguém, não perdia tempo com os outros. Ele, em suas ocupações mais elevadas. Mesmo se pisasse nos demais em seu caminho, receberia palmas.

Ainda hoje essa figura está em cena, nos palcos, nos congressos internacionais, nas televisões, em altos cargos. Se ela um dia comeu brioches em Versailles, agora transita pelas semanas de moda do planeta. Estrela cadente. É grande a chance de que seja atropelada pelos novos tempos.

Nem necessário, nem suficiente

Ele tem 27 anos de idade, é bilionário e a figura central do negócio mais badalado dos últimos anos. Um exemplo da mudança. Hollywood conta sua história. Mark Zuckerberg, criador do Facebook, tem a gratidão dos empresários, dos sociólogos, dos economistas, de quem tem amigos de infância, dos namorados, dos solteiros, dos mochileiros, dos professores, dos agitadores de festas. Talvez, mais que qualquer outra, ele tenha a gratidão dos povos submetidos a ditaduras, especialmente aqueles do Norte da África – que viveram sua Primavera revolucionária com a legitimidade de fazerem o movimento juntos, seguros de estarem bem acompanhados.

Há alguns meses, Zuckerberg foi entrevistado sobre as vitórias que ajudou a alcançar nos totalitarismos norte-africanos. “Revoluções do Facebook”, diziam os jornalistas. O menino respondeu com a delicadeza de quem reconhece o ponto de vista dos outros: “o Facebook não foi nem necessário, nem suficiente” para os sucessos das revoluções. Uma resposta arrepiante para qualquer “estrela criativa” à moda antiga, habituada a agradecer aplausos. Sinal de que uma postura diferente é convocada dos líderes contemporâneos.

Agente de uma política virtuosa, referência em um mundo em que a anormalidade é a norma, Zuckerberg responde sem mania, nem depressão. Sem agressividade, sem créditos pessoais, sem arrogar-se o “gênio”, sem desprezo pela realização dos outros. Herói por acaso, diz-se, porque sua rede social, como tantos outros frutos da era digital, foi um sucesso quase por acidente, na diversão de estudantes – e vale lembrar que assim nasceu também o precioso sistema Linux, nas mãos de um outro menino de 21 anos.

No mundo atual, quando os agentes criativos vestem moletoms (há de ser uma onda passageira, não?), as duras cenas de Meryl Streep e Anne Hathaway começam a ficar fora de moda. O diabo está nu.

Grupos criativos

A questão profissional então será: podemos ser radicalmente inovadores sem agirmos como Steve Jobs? Sem desmoralizar os esforços dos colaboradores, sem demissões de elevador, sem berros na sala da presidência?

A crença de que o assédio estimula e motiva é apenas “ilusão de ótica”. Nosso pensamento forma sentido sempre depois de colher os dados. Se o técnico gritou com a pequena ginasta, e ela venceu as olimpíadas, os gritos passam a ser considerados ingredientes do sucesso. Grande falácia.

Estudando grupos criativos da Antiguidade à era da *net*, vemos alguns elementos cruciais à inovação sempre presentes. Os criadores e suas equipes

mantêm diálogo com pessoas estimulantes, fazem laços intensos com o trabalho e seus parceiros, têm recursos e tempo aberto para a pesquisa aleatória, autônoma, com liberdade de tentativa e, especialmente, de erro. A pressão que sofrem é a de fazer um trabalho consequente para o mundo (há quem confunda isso com prazos estreitos), com a certeza de que seus frutos serão avaliados por critérios externos, até imponderáveis.

A criação acontece com, sem ou apesar dos gritos dos líderes de projeto – jamais necessários. A rigor, o mérito criativo está em quem tem a doçura de suportar a agressividade na hierarquia.

Os homens já foram donos de homens, para premiar e punir: na escravidão ou nos salários. Também já se acreditaram donos de idéias. Agora, não há mais lugar para narcisismo na criação.

O criador contemporâneo assume ser levado por alguma “musa”, mais que por seu ego. Ninguém, em um mundo em rede, poderá negar suas influências e referências. As musas contemporâneas chamam-se *creative commons*, e são evocadas por banda larga. Elas são nossos parceiros globais de reflexão. Porque pensamos juntos hoje, a pós-modernidade nos faz “donos” apenas de nossas realizações e atitudes – em uma era que tende a refinar sua ética.

Nas atitudes, vemos bem como as pessoas tocam as vidas de outras. Nasce uma sociedade mais responsável, cuidadosa dos resultados sociais, culturais, econômicos, ecológicos de cada gesto. Estamos cada vez menos donos e mais parceiros. Agora, até as crianças estão atentas. Logo será difícil alguém fazer o diabo, só porque veste Prada.